

Estando Deus a procurar um povo que adotasse a sua Tora, ele primeiro inquiriu os amonitas, perguntando: “Vocês aceitarão a minha Tora?”

Depois de refletir algum tempo, eles replicaram: “O que há nela?”

Deus respondeu: “Não matarás.”

“Oh! isto seria um problema para nós, pois somos um povo guerreiro”, replicaram os amonitas.

Assim Deus perguntou aos moabitas: “Vocês aceitarão a minha Tora?”

Depois de refletir algum tempo, eles replicaram: “O que há nela?”

Deus respondeu: “Não roubarás.”

“Oh! nós somos um povo mercador — compreende? — e uma proibição como esta poria em risco o nosso meio de vida”, replicaram os moabitas.

Assim, Deus perguntou aos israelitas: “Vocês aceitarão a minha Tora?”

E os israelitas responderam, sem hesitar: “Nah-a-seh V'nishma”, o que significa: “Sim, mais tarde pensaremos a respeito.”³³

É assim que atua a função do sentimento: dedicado, leal, sincero, cordial, capaz de grande coragem e do amor que é mais forte que a morte.³⁴

Individuação e sacrifício (Páscoa)

A matança de todas as crianças primogênicas dos egípcios foi a décima, final e convincente praga que o Senhor enviou contra o faraó, teimosamente resistente. Aparentemente, somente a mais terrível das aflições poderia dobrar a sua vontade.

Nosso ego é como o faraó e se agarra a velhas atitudes a despeito dos múltiplos infortúnios. Com frequência, somente uma estrondosa e decisiva derrota tem o poder de efetuar uma genuína reversão de atitude. Em diversas ocasiões, o faraó concordara em permitir que os israelitas partissem; porém, voltara atrás assim que se vira livre da praga que caíra sobre ele. Também nós, quando abandonados por Deus, podemos prometer mudar, mas, tendo-nos livrado de nossa aflição, recaímos bem depressa em nossa habitual e inautêntica maneira de ser, que não expressa a nossa verdadeira natureza, que no momento está se expandindo.

Edinger nos diz que os israelitas representam um ego que está em contato com o Self, o Si-mesmo (Deus).³⁵ Segundo o mito da Páscoa, esse ego será poupado da morte de seu mais alto valor (o primogênito) mas somente com a condição de um sacrifício. As Escrituras designam um animal para o sacrifício, um cordeiro “sem mácula”, com cujo sangue deviam ser pintados o lintel e os umbrais das portas (os lugares sagrados) de cada lar israelita, à maneira de sinal para que o Anjo Vingador do Senhor não se detivesse ao passar por aquela casa que tinha um relacionamento com Deus.³⁶

De acordo com o mito, era preciso que houvesse o sacrifício de um cordeiro sem mácula para que fosse possível ao novo Self (o Si-mesmo) viver. Mas, o que simboliza o cordeiro? Nos primeiros tempos do Cristianismo, ele passou a simbolizar Cristo. De modo que o sangue do cordeiro é uma referência ao sangue de Cristo, que tem o poder de redimir.

O cordeiro também pode representar aquela qualidade infantil que evita que nos prendamos a este mundo; vale dizer, a volta à infância, ao mundo paradisíaco, à nossa maneira de ser como cordeiros, nos impede de aceitar o mundo presente como sendo plenamente real. Inconscientemente, vivemos a “existência provisória”³⁷ que nos impede de sermos transformados pelo contato com a realidade e de termos uma ação sobre o mundo. Esse complexo de infantilidade precisa ser dissolvido e libertada a sua libido, de modo a infundir energia criativa no novo Self. Numa nova linguagem religiosa, “O sangue de Cristo... pode purificar o nosso eu interior de ações mortais para que possamos prestar nosso serviço ao Deus vivo”.³⁸

Assim, o cordeiro sem mácula pode simbolizar uma atitude que tenha superado sua inutilidade (uma neurose, por exemplo) e precise ser sacrificada e substituída por outra atitude mais adequada às circunstâncias atuais. E isso não apenas para produzir uma melhor adaptação ao exterior, mas para completar a obra divina através de nosso ato de reconhecimento (sem relutância, e não apenas intelectualmente) de que este mundo maravilhoso por Ele criado realmente existe.

Assim como o homem precisa de Deus, também Deus precisa do homem, para que Ele possa ser compreendido e viva neste mundo. Jung escreveu:

De uma pequena colina nas planícies de Athi, na África Oriental,